

---

---

# REVISTA TAKA'A

---

---

**Desenho e escrita no mundo da criança *Apyãwa*: práticas pedagógicas  
interculturais**

**Drawing and writing in the *Apyãwa* children's world: intercultural  
pedagogical practices**

***Apyãwa* pitywera reka pe ia'ygipyra, ikwaxiapyra: tawaxarimo xama'eawa**

Alceu Zoia

*Universidade do Estado de Mato Grosso*

<https://orcid.org/0000-0002-0512-9511>

Taroko Edimundo Tapirapé

*Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa, Confresa MT.*

<https://orcid.org/0009-0008-0625-8869>

## RESUMO

Refletimos, neste texto, sobre uma forma mais colaborativa de alfabetizar as crianças *Apyãwa* por meio de desenho e da escrita. Entendemos que é possível fortalecer a aprendizagem das crianças da nossa comunidade, por meio da realização de atividades que fazem parte do contexto *Apyãwa*. Nessa perspectiva, buscamos propor uma metodologia do ensino de forma mais adequada ao nível de aprendizagem das crianças, e contribuir para o seu processo educativo sociocultural, estabelecendo uma alfabetização que se preocupe e atenda às necessidades da criança *Apyãwa*. A pesquisa nos aponta que o processo de alfabetização precisa partir do contexto sociocultural da criança e da comunidade e que a atividade com desenhos é uma atividade eficaz para o atendimento destes objetivos.

**Palavras-chave:** Práticas Interculturais; Desenho; Alfabetização; Educação Escolar indígena.

## ABSTRACT

In this text, we seek to develop a reflection regarding the construction of a more collaborative way to teach *Apyãwa* children literacy through Drawing and Writing. We understand that it is possible to strengthen the learning of children in

our community by carrying out activities that are part of the Apyãwa context. From this perspective, we seek to propose a teaching methodology that is more appropriate to the children's learning level, contributing to their sociocultural educational process, establishing literacy that concerns and meets the needs of the Apyãwa child. The research shows us that the literacy process needs to start from the sociocultural context of the child and the community and that the activity with drawings is an effective activity to meet these objectives.

**Keywords:** Intercultural Practices; Drawing; Literacy; Indigenous school education.

### **XE'EGA MAĀTOREJXEAWA**

Ā te'mara a'eramo kwee iapaãp pitywera ma'eawa re xe'aranoranowetykawa ramo, a'epe inoga xerexaope marygato aoxekato pitywera ima'ewo ma'ema'e ra'ygawa pe, axekwe ima'ewo ywyrabe kwaxiaãwa re ma'ema'e ra'ygawa ropi iparageta apaãwa re rano. Emanyn a'eramo mi aoxekatoete imagywo irekawo pitywera we xerexeka ropi emikwaãkwaãwa te'omara ixope iapapyra pe. A'eete ramo kwee ā te'omara pe aoxekatoete inoga te'omara mo marygato pitywera rerate'omaãwyma ramo, axekwe xerexapyrowo pitywera ma'ekatoãwa re, a'eete ramo ipyrowo pitywera ixema'ekatoãwa re rano. Ā te'omara pe kwee a'eramo aixagakamatat marama'eara mo xerexaope xerexeka ropi marama'eawa, marygato mi aoxekatoete xereparama'eawa pe iexakwaãpa pityga xema'emataãwa, eka ropi irota irekawo ixope imagywo ma'ema'e ra'ygawa pe iapawo te'omara. Emanyn a'eramo ma'ema'e ra'ygawa pe pityga ewete xema'eawa ywyrabe kwaxiaãwa re.

**Xe'egete awyma:** Iapapyra.Teka Ropi; Ia'ygipyra; Xema'epywawa; Xema'eajpe; Tawaxarimo Xema'ewa.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Neste trabalho, tratamos da contribuição dos desenhos que representam a realidade das crianças *Apyãwa*, como sendo uma prática pedagógica e intercultural que têm a capacidade de fomentar a aprendizagem escolar, ampliando a capacidade de leitura e escrita das crianças, a partir dos conhecimentos trazidos do contexto em que estas estão inseridas.

Neste sentido, apresentamos esta atividade desenvolvida junto ao povo *Apyãwa*/Tapirapé e com a comunidade da aldeia *Tapi'itãwa*, na Terra Indígena *Yrywo'ywawa* (Urubu Branco), situada no município de Confresa-MT, cuja língua pertence ao tronco linguístico Tupi.

Com essas atividades, buscamos ainda compreender a relação que o povo *Apyãwa* estabelece com a cultura local, com a tradição oral e com a ancestralidade como forma de resistência à pressão dos processos de escolarização de base eurocêntrica. Esse protagonismo da construção contínua da educação escolar específica destaca a maneira de educar a caminho da resistência e por meio de transmissões de conhecimentos entre gerações, ao mesmo tempo, em que isso também leva a resistir aos movimentos históricos de dominação que assolam os povos indígenas.

### **Os desenhos como instrumentos de alfabetização**

Trabalhar como essa temática tem como finalidade usar um instrumento didático cativante para as crianças, e que apresente os conteúdos a serem trabalhados no primeiro ano

do primeiro ciclo, da educação escolar, no formato de atividades que envolvam a elaboração de desenhos com os quais as crianças estão familiarizadas e que façam parte dos elementos do seu convívio diário.

Esses materiais são usados, principalmente, em sala de aula e podem ter diversos formatos, como: livro com desenho para colorir, desenho para identificação de letras ou alfabeto, na construção de palavras, desenho com palavras, jogos de desenho ou jogo de desenho com palavras, e muitas outras possibilidades que a sala de aula de alfabetização possa criar. Desta forma, o que queremos apresentar é uma proposta para trabalhar a alfabetização de forma significativa e contextualizada, no intuito de facilitar a aprendizagem, ajudando no entendimento da escrita ou para superar dificuldades encontradas pelos professores e estudantes, melhorando a compreensão do assunto trabalhado.

Desta forma, propomos um material que proponha uma alternativa complementar para as atividades de alfabetização e que tenha a potencialidade de melhorar a aprendizagem das crianças *Apyãwa*, pois elas estarão aprendendo, a partir do contexto em que estão inseridas.

Queremos que as especificidades de cada cultura sejam encaradas, entre outras compreensões de suas dimensões, como “[...] o conjunto de práticas através das quais, em qualquer situação, no interior de sua própria cultura e através de suas redes e regras as pessoas das classes populares vivem experiências endógenas de produções e transferência de seu próprio saber” (Brandão, 1986, p. 148).

Com essas atividades *Apyãwa Ywypyiara* tratamos da riqueza da Terra indígena *Yrywo’ywawa*, contemplando animais, aves e peixes, com a finalidade de produzir materiais como uma proposta e estratégias de experiências para os professores que atuam na alfabetização. Desejamos que esse material seja trabalhado com os seus educandos de uma maneira tranquila na língua materna, preparando as nossas crianças para o mundo da escrita através dos desenhos.

A realização destas atividades com desenhos poderá servir como guia ou exemplo de ensino contextualizado e, principalmente, como uma reflexão para os professores que iniciam na vida profissional e pretendem trabalhar na área de alfabetização. Essa experiência prática também foi desenvolvida na busca de facilitar e melhorar o ensino das crianças *Apyãwa*, para superar as dificuldades que encontram nessas fases. O material produzido visa ajudar os educandos(as) produzirem e desenvolverem os seus conhecimentos, por meio do desenho. Por estar razão, o trabalho realizado com desenhos de animais, aves e peixes da Terra Indígena

*Yrywo 'ywawa*, e com o desenvolvimento de algumas atividades foi fundamental para fortalecer mais ainda essa forma de ensinar, a qual tem o papel de facilitar a alfabetização e a aprendizagem do assunto abordado, podendo assim ser considerado como a parte diversificada do currículo que trata da realidade das crianças *Apyãwa*, respeitando o que se apregoa na LDB (1996).

Para a realização deste trabalho, foi utilizado desenhos de animais, aves e peixes da Terra Indígena *Yrywo 'ywawa*, como citado anteriormente. Os desenhos foram utilizados para identificar letras, sílabas, os quais possibilitaram a construção de palavras na língua materna.

Através do trabalho com desenho, conseguimos mostrar ou contar a sequência dos fatos ocorridos ou contar a história do passado, presente ou do futuro, como afirma Freire (1989) de que sempre é necessário considerar o conhecimento da realidade do aluno para assim proporcionar uma aprendizagem significativa.

Entendemos, assim, como aponta Vygotski (2009), que o desenho é uma atividade especificamente humana e intrinsecamente relacionada à apropriação da cultura. Nesse sentido, precisamos compreender que para que isso aconteça, a criança precisa ter uma participação ativa na cultura, desenvolvendo ela mesma os modos de ver o mundo a sua volta por meio da fala, do sentir e do se relacionar com os outros. “Ninguém cria do nada, tudo que se cria é apropriado na cultura e na história. É na base do trabalho e no que já foi historicamente produzido que se cria e produz o novo” (Francioli & Steinheuser, 2023, p 31).

Muitas vezes, o desenho é usado em sala de aula como um passatempo, sem ter atividades planejadas para explorar este recurso como fonte de aprendizagem e, quando muito, tem o objetivo de estimular a coordenação motora da criança. Silva (2002) descreve que a atividade gráfica nesses casos deixa de proporcionar a naturalidade da criança.

Ainda em relação a isso, o autor afirma que:

Embora seja frequentemente empregada, a atividade gráfica é equivocadamente valorizada dentro do ‘currículo’ na educação infantil. Valoriza-se aquilo que pode ficar registrado no papel, para que outras pessoas possam ver não só o trabalho da criança, mas também a atuação da professora. [...]. Não são questionadas as implicações cognitivas, afetivas, motoras e sociais provocadas por tal adestramento (Silva, 2002, p. 66).

Da mesma forma, foi muito bom trabalhar as narrativas da história que envolve animais, aves e peixes. Assim também foi relevante trabalhar com as gincanas tradicionais do povo *Apyãwa* que envolvem também animais, aves e peixes. Assim como Vigotski (2009, p.42),

entendemos que “a criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores”. O desenho usado como técnica pode ser um instrumento para observar o desenvolvimento intelectual, social e cultural da criança durante todo o seu processo de aprendizagem.

Esse material por meio do desenho tem potencial para contribuir para os professores (as) no fortalecimento dos conhecimentos das crianças e estimular os estudantes na produção das atividades dos conteúdos trabalhados na sala de aula. As crianças *Apyãwa*, desde a infância, carregam na sua bagagem os conhecimentos tradicionais por meio dos desenhos e, dentro da sala de aula, levam esses conhecimentos para multiplicar e transformar para o mundo da escrita. Então, a melhor forma de as crianças *Apyãwa* reconhecerem as letras, sílabas e palavras é por meio dos desenhos dos animais, aves, peixes e pelos outros desenhos que podem ser produzidos. Até porque, os nomes são pronunciados na oralidade e assim cada desenho facilita a identificação de determinada letra ou sílaba nas quais são construídas as palavras e os nomes dos próprios seres vivos da Terra indígena *Yrywo 'ywawa* na língua materna *Apyãwa*.

Essa experiência foi produzida para atender, especificamente, os estudantes dos anos iniciais, os professores e também a reivindicação da comunidade *Apyãwa* que pediu para produzir material didático dentro da vivência do povo local. Essa produção de materiais específicos por nós e para nós é importante porque temos poucos livros publicados como este para trabalhar com as crianças na fase da alfabetização. Com este trabalho feito, o material produzido vai contribuir para o fortalecimento e mais conhecimento dos *Apyãwa* em relação à riqueza da Terra indígena. Então, dessa forma, trago a análise referente essa prática de experiência produzida durante a pesquisa.

Com intuito de conhecer melhor as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, entrevistamos um professor para falar sobre o trabalho com as crianças. Segundo o professor *Kaxowari 'i* Tapirapé, da turma do 1º ciclo, 1ª ano, o planejamento para trabalhar na sala de aula com a turma citada foi escrito na língua materna. Também o planejamento foi preparado no eixo temático *Apyãwa xemi 'orogawa*, alimentação tradicional do povo *Apyãwa*, dentro da linha de construção da roça de toco, envolvendo o método usado para fazer a roça de toco, plantio de plantas, tipo de conhecimento tradicional do povo *Apyãwa* usada para colheita do produto, forma de transportar produto da roça para residência, o tipo de cardápio do alimento preparado com os produtos da roça.

Então, na sua entrevista, ele destaca a importância de trabalhar com alunos ou (as) desde pequeno(as) sobre assuntos que cada aluno vivência cotidianamente, como o tema abordado neste texto, por exemplo. O professor entrevistado afirma que é muito bom repassar o conhecimento tradicional do seu povo sobre a sequência do trabalho para fazer uma roça de toco, como identificar o lugar e o solo ideal para determinada planta. Também repassar o conhecimento e fazer atividade de marcar a roça de toco no tamanho ideal que a pessoa prefere.

No seu objetivo, o professor ressalta a importância de repassar através da oralidade o conhecimento de roçar e de como se faz a roça. Também relatou a importância de contribuir para os alunos o processo de derrubada de árvores da roça com machado. Destaca também que é muito importante contribuir, explicando na oralidade o conhecimento de fazer a queimada da roça na época certa, com preferência no mês de setembro e outubro, na primeira chuva ou na segunda chuva para evitar incêndio na mata. O entrevistado falou também que é muito bom ensinar os alunos no processo de plantar tradicionalmente os tipos de produtos da roça, no tempo ideal para garantir um bom desenvolvimento das plantas. Nesse termo, ele reforça como é fundamental fazer plantio das plantas no dia seguinte da queimada, o seja, levar em consideração a primeira e segunda chuva no sentido de aproveitar desde início a chegada do inverno. Com isso, ele trouxe para a gente o método que trabalhou sobre a forma de plantar cada tipo da planta, por exemplo: antes de plantar muda de banana se faz uma fala pedindo para a muda se desenvolver bem, dando um bom fruto.

A partir de gerar bons frutos com os produtos da roça, promove-se a prática da socialização das receitas para o consumo da alimentação tradicional *Apyãwa* que, desde muito tempo, vem sendo feito conforme os cardápios dos ancestrais.

Na parte de conteúdos tradicionais, o professor abordou os nomes dos tipos de solos; *ywy'yjxiga* (solo arenoso), *ywyona* (solo preto), *ywyptyga* (solo vermelho) e *ywy'itakorowa* (solo pedregoso). Disse que abordou também sobre variação de tamanho da roça de toco, roçada da roça, derrubada, queimada, forma de plantar tradicionalmente determinados tipos de plantas. Informou também que no seu conteúdo envolveu época de colher determinado produto. Relatou também que foi muito bom envolver os preparos de cada tipo de produto como alimento tradicional que cada família prefere.

Aplicando na prática a sua metodologia, o professor disse que no primeiro momento trabalhou na oralidade, explicando a escolha de terreno, conforme o interesse da pessoa que quer plantar o tipo de planta. Por exemplo, para plantar *tata* (banana) é escolhido o

lugar úmido, com solo amarelo, solo preto ou solo um pouco arenoso. A partir disso, a roça é marcada, em relação à largura e comprimento, que o professor explicou que nesse tempo continuou trabalhando na oralidade, comentando a forma de fazer a medida com uma vara cortada no tamanho de um metro ou cinco metro. Disse que deixou claro para os estudantes a variação de metragem, que ocorre de acordo com a escolha da pessoa, deixando uma vara no tamanho da medida que prefere. Em seguida, deu prosseguimento à conversa, referindo-se à roçada, falando sobre o cuidado para não acontecer acidente de trabalho. No seu relato, trouxe também a importância de trabalhar a derrubada de árvores com machado para exercitar o seu corpo. Prosseguindo a sua fala, relatou também que é muito bom fazer no tempo certo a queimada, como na primeira chuva ou na segunda chuva para que as plantas se desenvolvam bem. Outro motivo que leva a fazer essa queimada nessa época também é evitar alastramento do incêndio. Então com esse processo, as plantas são cultivadas conforme o conhecimento do povo *Apyãwa*, por exemplo: antes de plantar banana nanica, banana da terra, banana maçã e outras bananas, *Apyãwa* fala para a muda ter um bom desenvolvimento e dar um bom fruto, e depois disso, a muda é plantada. Conforme o seu conhecimento, o professor afirma o uso do mesmo processo para plantar outras mudas.

Com relação a colheita dos produtos, o professor comentou da seguinte forma: nosso povo *Apyãwa* percebe e conhece o produto que está no ponto de colher pelo tamanho, as vezes, outras ficam amarelas e, através disso, se faz a colheita. Referente à forma de transportar os produtos da roça, o professor recorda do tempo dos antigos *Apyãwa* que costumavam transportar o produto da roça com *pe'yra*, uma ferramenta feita com palha de bacaba. Até hoje algumas pessoas carregam praticando esse modo de conhecimento, porém, não descarta também as mudanças de hoje, porque nos dias atuais, a maioria dos *Apyãwa* transporta com algum veículo como bicicleta, moto e carro os produtos da roça.

Sistematizando o trabalho, o professor relata que a atividade foi direcionada para o desenho, pedindo que todos alunos ilustrassem aquilo que tinha acabado de explicar. Disse que a intenção foi para visualizar o processo de trabalho da roça e plantio, colheita e consumo. O entrevistado afirma que o desenho ajuda a entender melhor aquilo que se explica na oralidade, possibilitando mais motivação de estudar no conteúdo trabalhado. Com seu relato, trouxe também que trabalhou juntamente com alunos os nomes das plantas na língua *Apyãwa*, listando-as no quadro branco. Levando em consideração a importância do ato de ler, o entrevistado afirmou também que trabalhou a leitura dos nomes das plantas que conseguiu listar no quadro.

Conforme a afirmação do professor sobre dificuldade detectada em alguns alunos, com relação ao reconhecimento da palavra, usou desenho organizado, conforme a construção das palavras, ou seja, cada desenho apresentando uma sílaba, assim construindo palavras de um produto.

Disse que com esse material facilitou o reconhecimento das palavras, ou seja, os nomes dos produtos da roça. Ele contou ainda que trabalhou com material impresso, no qual trouxe desenhos ou fotografias dos produtos, possibilitando a cada aluno fazer abaixo o nome de cada desenho ou foto na língua *Apyãwa*, por exemplo: *tata* (banana), *monowi* (amendoim), assim por diante. Além dessa atividade, o professor mostrou também o trabalho feito com frases, onde cada aluno tinha produzido de uma a cinco frases referente a cada desenho de produto da roça. Assim também produziu textos na língua materna, contando o processo de fazer a roça ou o processo de plantio do produto da roça. Enfatizou a importância de trabalhar com a leitura para que se possa ter o domínio da leitura e escrita, como domínio das letras, sílabas, palavras, frases e textos. Assim, complementou, destacando a leitura do mundo, ou seja, aquilo que cada aluno conhece através da disponibilidade da natureza. Sistematizando fez o trabalho de campo, onde foi na roça, ver a estrutura da roça e nela observar os produtos plantados.

Fazendo uma pequena análise com relação ao trabalho feito pelo professor *Kaxowari'i* Tapirapé, o tema abordado foi bem de acordo com a vivência do povo *Apyãwa*, da forma como as crianças observam e participam diretamente das atividades praticadas. Por esse ponto, o professor foi feliz em utilizar a metodologia que culturalmente empregamos para explicar por meio da oralidade e de fazer na prática as atividades. Com essa experiência, o professor conseguiu também mostrar um pouco, com a sua metodologia, a forma de alfabetizar na escrita, na língua *Apyãwa*, e envolvendo conhecimento tradicional do povo *Apyãwa*.

Foi importante usar o desenho como o meio de motivação para colorir e, ao mesmo tempo, falar o nome dos produtos da roça, mesmo que os alunos e alunas não conhecessem ainda as palavras na forma escrita. No entanto, a leitura visual já ajuda a pronunciar palavras, a qual, possibilita praticar a pronúncia da palavra e ter noção de como é formado e organizado o nome de cada produto na língua materna. Colocando os nomes embaixo dos desenhos em determinados produtos ajuda mais ainda de conhecer as palavras que para eles (as) é um conhecimento novo, ou seja, o mundo escolar, na qual a escola indígena estadual *Tapi'itãwa* também trabalha por meio de alfabetização e por meio de outros mecanismos, dando oportunidade e dando direito de ter esse conhecimento para a vida de cada *Apyãwa*.

Então, os desenhos foram as ferramentas principais para facilitar a pronúncia das palavras e, com isso, os alunos foram aprendendo as palavras escritas na língua *Apyãwa*. O currículo da escola da escola estadual indígena “*Tapi’itãwa*” orienta que no ensino fundamental, anos iniciais, o trabalho de alfabetização tem que ser feito na língua materna *Apyãwa*, de primeiro Ciclo 1º, 1ª ano ao 2º Ciclo, 5ª ano. Até o momento, o currículo da escola assegura esse modo próprio de alfabetização da pedagogia *Apyãwa*.

Na minha concepção, a prática pedagógica refere-se à prática social que envolve professor e alunos no processo de ensino e aprendizagem. Ela é orientada por objetivos e metodologia com a finalidade de trabalhar, em diálogo, conhecimentos tradicionais e conhecimentos científicos junto com estudantes na sala de aula ou fora da sala de aula. Quanto ao(s) objetivo(s) que foram citados é porque, por meio deles, busca-se alcançar o que queremos, onde queremos chegar ou conseguir algo.

Assim também, a metodologia tem o seu papel importante para organizar e direcionar o trabalho no caminho que precisa ser percorrido para atividade acontecer de fato. Portanto, há várias formas de se desenvolver uma prática pedagógica, com objetivos e metodologias definidos, porque uma prática pedagógica é pensada conforme o assunto escolhido, sendo planejada, de acordo com cada turma.

Nesse ponto, a prática pedagógica não é algo pronto e acabado, porque ela muda conforme os princípios das ideias. Por isso, ela é um percurso de trabalho na educação escolar, envolvendo sala de aula e trabalho de campo que exigem planejamento organizado, conforme a turma que trabalhamos ou queremos trabalhar na sala de aula e fora da sala de aula também. Assim envolve preparação de material didático para facilitar o modo de ensino e aprendizagem sobre a temática a ser trabalhada. É um processo que oportuniza, também, aos professores a narração e reflexão sobre os próprios saberes e fazeres e, assim, podem melhorar suas práticas pedagógicas e desenvolver um bom trabalho.

Então, para complementar a minha reflexão sobre prática pedagógica, aqui eu destaco um trecho sobre esse tema tão importante para nós professores e professoras:

[...] nas práticas pedagogicamente construídas, há a mediação do humano e não a submissão do humano a um artefato técnico previamente construído. Assim, uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como, na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam

que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados (Franco, 2016, p. 536).

Com base no que a autora apresenta, compreendo que é preciso envolvimento e responsabilidade por parte do educador e da educadora porque não é fácil conduzir uma prática pedagógica e fazer o papel de docente. E, nesse percurso, não podemos deixar de falar de interculturalidade, que na minha compreensão, está ligada à diversidade étnica, línguas, tradições, culturas presentes nas sociedades indígenas e em outros povos, que lutam pelos seus direitos, exigindo execução daquilo que já está aprovado ao seu favor. Interculturalidade só se faz quando há duas ou mais culturas, assim entram em interação de uma forma pacífica sem desvalorizar outros grupos, como a convivência entre pessoas, enfim. No meu entender, também interculturalidade é o fenômeno social que se faz como representatividade de diferentes identidades culturais específicas, relaciona-se em pé de igualdade, sem que nenhum ponto de vista prevaleça sobre os demais.

Outro ponto importante que interculturalidade tem é o empoderamento político que dá visibilidade aos diversos grupos socioculturais e suas identidades. Nos dias atuais, vejo que interculturalidade também é empregada nas Universidades, na formação acadêmica de indígenas, preparando essas pessoas para a política de fortalecimento e valorização de saberes próprios, encorajando a resistência desses indígenas frente à sociedade moderna. Também essa política disponibiliza oportunidade de documentação por escrito dos próprios conhecimentos. Além disso, nós *Apyãwa*, percebemos também que essa articulação nós traz uma renovação de conhecedores de saberes tradicionais próprios dentro da nossa aldeia. Nesse sentido, a interculturalidade, no contexto escolar, possibilita a transdisciplinaridade, ou seja, trabalhar com diversos saberes sem desvalorizar outros.

Desse modo, quando penso em interculturalidade por outro ângulo, percebo que ela traz o modelo de reunir diferentes povos, diferentes costumes, diferentes culturas, diferentes idiomas. Isso demonstra grande desafio para que a interculturalidade aconteça na prática. Se não acontecer nessa linha de pensamento, ela pode perder controle e colonializar conhecimentos, valorizando somente uma cultura, uma língua que se mostra forte naquela ocasião. Um exemplo disso é o conhecimento da sociedade envolvente chegando fortemente na aldeia, na comunidade, substituindo em alguns lugares alguns saberes tradicionais.

Nesse caso, desrespeita a proposta de fortalecimento, valorização e empoderamento de política social de diferentes comunidades. É nesse ponto eu coloco a minha preocupação. Por

isso é muito importante entender melhor o conceito e a proposta de interculturalidade para nos mantermos dentro do contexto, pois “mais do que uma atitude de comiseração e solidariedade para com o outro, a interculturalidade implica uma revisão radical das perspectivas socioculturais, políticas e epistemológicas que mobilizam a interagir com o outro” (Fleuri, 2014, p. 101).

O autor destaca claramente a importância da interculturalidade, porque ela visa exatamente o que eu venho colocando anteriormente sobre assunto tratado. Nesse sentido, cada comunidade indígena precisa saber como conduzir a luta para beneficiar o seu povo em relação ao que necessita. Assim vamos lutando para sobreviver no mundo atual.

Esses princípios buscam fortalecer o exercício do direito à livre determinação política, econômica, social e cultural, conforme a necessidade e interesse da comunidade indígena de manifestar, praticar, desenvolver e ensinar suas tradições, costumes e cerimônias espirituais e religiosas, bem como, garantir que esses saberes se reflitam na educação escolar indígena, se esse for o interesse da comunidade envolvida (Zoia; Mendes, 2020).

A escola precisa de mais ferramentas, além daquelas que os povos indígenas já mobilizam em suas ações de ensino escolar, para trabalhar na sala de aula junto com as nossas crianças e jovens, na alfabetização, na produção de textos, no desenvolvimento da leitura, assim como no uso de outras ferramentas necessárias para facilitar o ensino e aprendizagem (Zoia; Rondon, 2021). Desta forma, na escola indígena estarão sendo trabalhados os conhecimentos tradicionais, sempre buscando a melhoria do ensino das crianças e jovens *Apyãwa*.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando se pensa em trabalhar em sala de aula com uma metodologia que visa valorizar a cultura local, estimular a produção de material próprio para ser trabalhado em sala de aula, é protagonizar pela pesquisa colaborativa a produção de materiais pedagógicos específicos *Apyãwa*, o que se faz é pensar em um currículo específico e, ao mesmo tempo, produzir uma compreensão cosmo-antropológica, considerando o território como lugar de constituição identitária, como muito bem define Ferreira (2014), um território que se dá nas mediações físicas do lugar, um lugar de relações, mas também territórios outros que não se encontram no espaço físico, mas um espaço que é habitado nas compreensões dos rituais *Apyãwa*.

No mesmo sentido, ao falar da escola, Azinari (2022, p. 63) afirma que “é na escola pública que os professores/as produzem seus saberes profissionais específicos, e este tem sido palco de disputas ideológicas, políticas, culturais e econômicas”, entendendo a escola como uma instituição que exerce grande influência na sociedade.

Com esse entendimento, a escola passa a ser vista como um lugar de reafirmação, de resgate e de preservação da identidade étnica e o ensino ali desenvolvido se configura como um dos meios para o fortalecimento identitário dos estudantes com a comunidade de origem, enriquecendo a continuidade da cultura, dos costumes e das tradições em seus territórios.

Conforme afirmam Ribeiro, Silva, Bianco e Zart (2023, p. 5), “a luta pela construção do currículo escolar da Educação do Campo não se limita apenas à definição de conteúdo e metodologias, mas também envolve a promoção de relações sociais mais igualitárias, a valorização das diversidades e a criação de espaços de diálogo e participação”. De igual modo, entendemos que na escola indígena essa luta também se repete.

Com base nos estudos realizados, podemos compreender que uma prática pedagógica deve ter planejamento, produção de material didático, criatividade do professor para conduzir a aula, respeito, acompanhar de perto o desempenho de cada estudante, saber utilizar metodologias adequadas, sempre em busca da melhoria de nossas práticas pedagógicas em sala de aula. Nesse contexto, a interculturalidade se faz presente quando aborda o ensino de saberes tradicionais, em diálogo com saberes de outras culturas.

Ao analisar e refletir criticamente sobre as nossas próprias práticas pedagógicas, percebemos que precisamos melhorar para atender a demanda do ensino e aprendizagem das crianças e jovens *Apyãwa*. A partir daí, enriquecer o planejamento das aulas e ir melhorando o modo de ensinar.

## REFERÊNCIAS

AZINARI, A. P. da Silva. Interculturalidade e o desenvolvimento profissional docente no contexto das diferenças culturais. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 38, n.2, p. 59-74, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/10991>. Acesso em: 4 maio 2023.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

FERREIRA, W. A. de Alcântara. **Educação Escolar Indígena na Terra Indígena**

**Apiaká-Kayabi em Juara-MT: Resistências e desafios.** Tese (Doutorado em Educação) -

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FRANCO, M. A. R. S. **Prática Pedagógica e Docência: Um Olhar a Partir da Epistemologia do Conceito.** Universidade Católica de Santos (UCS), Santos, São Paulo, Brasil. 2016.

FLEURI, R. M. **Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais.** Série Estudos, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014.

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza; STEINHEUSER, Débora Buss. O DESENHO COMO ATIVIDADE DA IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA INFÂNCIA. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 29–52, 2020. DOI: 10.30681/21787476.2020.33.2952. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4783>. Acesso em: 11 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

RIBEIRO, Jucileide Alves; SILVA, Jane Amorim da; BIANO, Jenilson de Aguiar; ZART, Laudemir Luiz. Pedagogia do trabalho e a educação do campo: os arranjos entre currículo e saberes locais. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e392309, 2023. DOI: 10.30681/21787476.2023.E392309. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/11564>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **A constituição social do desenho da criança.** Campinas: Mercado das Letras, 2002.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância.** Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Preste. São Paulo: Ática, 2009.

ZOIA, A.; MENDES, M. Alguns aspectos da luta pela efetivação do direito à autodeterminação do Povo Indígena Paiteer Suruí: a educação, a cultura e a terra. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 33, n. 1, p. 247-268, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/21787476.2020.33.247268>. Acesso em: 11 mar. 2023.

ZOIA, A.; RONDON, M. T. Conhecimento tradicional e produção de materiais didáticos para o fortalecimento das línguas indígenas em Mato Grosso (Brasil). **Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria**, v. 39, p. 61-73, 2021. DOI: 10.7179/ PSRI\_2021.39.04

## Histórico

Submetido: 01 de outubro de 2023.

Aprovado: 14 de novembro de 2023.

**Licença de Uso**

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.



## **Anexos**

Caso seja necessário, os anexos devem ser inseridos em uma nova página.